

DE SABERES NÃO OFICIAIS A LUGARES DA PATRIMONIALIDADE IMATERIAL: UM ESTUDO DA TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS TRADICIONAIS EM ASSENTAMENTO RURAL

Thauana Paiva de Souza Gomes¹

A chegada ao tema

O interesse em propor o tema de pesquisa, aqui apresentado, relativo aos saberes não oficiais, está ligado a uma trajetória particular de pesquisa em assentamentos rurais associada ao Nupedor — Núcleo de Estudos e Documentação Rural. Nesse percurso, foi possível desvendar aspectos e impressões sobre o tema rural que me fizeram perceber muito além da visão simplesmente pragmática, limitada a questões de produtividade. Minha formação se deve muito às reuniões, discussões e pesquisas de campo desenvolvidas junto ao grupo que desde 2004 me acolheu, possibilitando um aprendizado possível apenas pela vivência cotidiana com os integrantes da equipe do núcleo.

A chegada ao tema foi um desenrolar de estudos ligados às questões subjetivas do cotidiano dos assentamentos de Araraquara: o Monte Alegre e o Bela Vista. Desenvolvemos uma relação íntima com as questões de sociabilidade expressas; sobretudo no estudo detalhado da festa junina do assentamento Bela Vista, que ofereceu subsídios à análise das relações cotidianas e simbólicas dos assentamentos de Araraquara.

A proposta do inventário

Os saberes selecionados nesta análise são parte integrante do inventário que nos propusemos a realizar neste trabalho, priorizamos em na análise as informações que eram mais latentes e que foram mais representativas no estudo. Mas, devemos salientar que a proposta fundamental desta pesquisa, além da apresentação e discussão teórica da importância da patrimonialidade imaterial dos saberes desta comunidade, é justamente incentivar a conservação, com o objetivo de difundir e divulgar, para assim ocorrer o reconhecimento dos assentados e, finalmente, serem também reconhecidos pelo grupo

¹ Cientista Social, Pedagoga e Mestre em Educação escolar pela UNESP. Pesquisadora NUPEDOR/UNIARA e professora da UNISEB.

local a ressignificação e uso desses conhecimentos. Somente dessa forma acreditamos que a cultura pode ser conservada e mantida entre as gerações passadas, presentes e futuras.

Por esses motivos, além da análise a ser apresentada dos saberes, fizemos um livro etnográfico do inventário dos saberes tradicionais, dos usos e costumes do assentamento Bela Vista do Chibarro e um filme com as entrevistas com os guardiões da patrimonialidade imaterial desta comunidade.

É importante destacar que a trajetória das famílias nesse contexto de análise deve ser considerada justamente porque o caminho percorrido por elas até chegarem ao ambiente do assentamento, geralmente, é marcado por vários despejos para reconstruções. A memória, por sua vez, sofre muitas interrupções e recortes em suas lembranças, e por isso, os assentados, ao serem desenraizados de suas origens, acabam, momentaneamente, se esquecendo das técnicas, formas, usos e costumes típicos adquiridos no cotidiano das ações familiares e comunitárias das suas origens.

No entanto, no contexto dos assentamentos, esses saberes tomam força e são resgatados e recriados, a partir da prática e reprodução do dia-a-dia, tendo na figura da mulher a responsável pelo resgate e renovação desse conhecimento no núcleo familiar.

Do lugar das ervas e plantas às curas das benzedeiros: chás, rezas e simpatias.

Durante muitos anos, a medicina foi restrita às áreas urbanas, e nas regiões rurais não havia qualquer forma de auxílio aos doentes. A única forma de tratamento conhecido até então eram as benzedeiros ou as misturas de ervas e plantas utilizadas pela medicina popular tradicional.

Para Guimarães (2005), graças à carência de médicos nas áreas rurais onde se dispersava a maioria da população brasileira, a medicina popular dos manuais era justamente a única forma que senhores, senhoras, escravos, curandeiros e benzedeiros tinham para curar seus doentes.

Dessa maneira, durante muitos séculos, a forma como a academia contribuía com esses grupos responsáveis pela saúde de grande parte da população era elaborando manuais de medicina tradicional, com tratamentos de doenças a partir dos saberes de ervas, plantas e chás medicinais, “era um saber enciclopédico, fruto do interesse em explorar o que se mostrava útil para o homem comum, dentro de uma diversidade de possibilidades que abrangiam formas ambivalentes de descrever a natureza” (DIAS, 2002, apud GUIMARÃES, 2005, p.503).

Foi a forma de divulgação de uma ciência com base em concepções astrológicas, diretamente ligada ao conceito de influências de simpatias e antipatias da natureza antropomórfica de efeito à distância.

Esses saberes ligados à saúde, tinham na personificação das benzedeadas e curandeiros, mães e avós, os guardiões dessas técnicas, que ainda hoje são possíveis de serem encontrados, devido ainda à falta da presença médica em algumas áreas rurais.

A memória das ervas, simpatias e plantas medicinais, permanece nos lugares das cozinhas e das casas dos responsáveis por esses saberes de cura, que, de certa forma, abrem suas casas aos membros do assentamento como se fosse uma obrigação de doação por conta do dom recebido.

Os males do corpo, as simpatias e as benzedeadas

Ao falar de simpatias e benzedeadas, nos remetemos ao universo das religiões, no qual a forte tradição cristã põe-nos diante de um conjunto de tradições, símbolos, rituais, costumes, que tendem a ser institucionalizados. Em nosso país, o padre e o pastor seriam os representantes oficiais da fé em Deus, e, a Igreja, o lugar por excelência para expressar a fé. No entanto, cabe lembrar que nossa religiosidade é historicamente sincrética (BRAGA, 2005). Misturaram-se indígenas, africanos, judeus, espíritas, protestantes de diversos matizes, onde resultam um todo híbrido (CANCLINI, 2003).

No Brasil, todo esse complexo misturou, desde os séculos XVI e XVII, alguns elementos da religiosidade popular, as práticas mágicas e de feitiçaria, confundiam-se com as práticas religiosas da Colônia. Mulheres eram acusadas de serem bruxas por praticarem benzedeadas, simpatias e técnicas de cura por motivos diversos, como, por exemplo, para obter sucesso nos amores. Estes rituais poderiam incluir pós, rezas, filtros, ervas, poções, fervedouros, ossos enforcados além do conjuro de demônios (BRAGA, 2005).

As simpatias, as benzedeadas e a utilização dessas ervas pelo povo são consideradas, pela ciência oficial, como medicina popular ou rústica, na qual as substâncias, drogas, gestos ou palavras são celebrados como forma de obter a cura para a saúde das pessoas. Não se trata apenas de um conjunto de plantas usadas para prevenir ou curar doenças, trata-se, além disso, de um lado mágico.

Como discutido anteriormente, o acesso dificultado dos doentes pobres às organizações oficiais de saúde, os leva a recorrer a práticas da medicina popular que estão totalmente imersas na cultura dos portadores desses saberes. Na cultura popular

“corpo e espírito não se separam em nenhum momento. Nem tão pouco se desliga o homem do cosmo, nem a vida da religião” (POEL, s/data. Fonte: <http://www.religiosidadepopular.uaivip.com.br/medicina.htm>. Acessado: 15/10/2011).

Na medicina popular, o tratamento geralmente é acompanhado de um ritual, que é realizado por um raizeiro, curandeiro ou benzedeira, considerados intermediários privilegiados entre os homens e o mundo espiritual.

Os raizeiros são aqueles que procuram e vendem raízes medicinais, algumas muito conhecidas pelas comunidades tradicionais. Já os curandeiros e as benzedeiros são aqueles possuidores de um dom divino, nos quais a comunidade confia e acredita os valores espirituais do dom. Mas entre a categoria de curandeiro e benzedeira há uma diferenciação de gênero, há uma divisão nos papéis de cura.

O curandeiro ou benzedor (homem) é geralmente procurado para rezar contra bicho mau, para estancar sangue, retirar cobras de locais, ou rezar e curar bicheiras de animais. Já a benzedeira ou rezadeira, faz suas orações para espinhela caída, quebranto infantil ou adulto, vermes, erisipela, peito cheio ou caído, dor de cabeça, entre outros. Mas é importante salientar que, nesse universo de cura, as mulheres gozam de certo prestígio, justamente porque “o prestígio mágico-religioso e, conseqüentemente, o predomínio social da mulher têm um modelo cósmico: a figura da terra-mãe.” (ELIADE,1992, p.121). Os papéis de destaque se dão justamente pelo fato de a figura feminina relacionar-se à natureza e ao universo. A figura da mãe terra é carregada de simbologia, pois seria ela a responsável por cuidar e dar aos seus filhos (seres vivos) aquilo que é necessário.

Nos processos de curas, as benzedeiros e os curandeiros utilizam orações e gestos que servem de elementos fundamentais nos processos de cura de males que tanto são físicos como mentais. Para Brosso (1999), as ervas medicinais, em muitos casos, além de serem a própria receita de cura, também são utilizadas durante o processo de benzedura. Elas servem como amuletos que são colocados em contato com o corpo do doente, seja nas partes que necessitam de tratamento ou no processo de “despacho da coisa”. Dessa maneira, passam a representar a cura que as ervas provêm quando ingeridas. Além das ervas, podem ser usadas fotos ou imagens de santos, que vão desde Nossa Senhora Aparecida a São Miguel Arcanjo. Estas imagens de santos têm o objetivo de fortalecer a fé e o poder de cura daquele que benze.

Além dos amuletos, ervas ou objetos, as benzeduras sempre são acompanhadas da impositação desses símbolos mágico-religiosos (BROSSO, 1999). Não basta, no processo de cura, fazerem-se imposições de ervas ou imagens de santos, é necessário entoar preces e orações durante as bênçãos, que geralmente são histórias contadas em versos e rimas que remetem ao poder de Deus, Jesus e Maria sobre os males a serem curados.

Essas palavras entoadas vão do conhecido Pai-nosso a orações inéditas: “Sem estas palavras sagradas, que desde o começo foram concebidas ao homem, este se sentiria completamente indefeso” (CASSIRER, 2003, p.55 apud BRAGA, 2005).

Ser benzedora ou curandeiro não é uma escolha, é um dom que se recebe e, ao mesmo tempo, é aprendido através da memória com os guardiões desses saberes (MENESES, 2009).

A devoção é indispensável no papel de cura, já que as benzedoras e curandeiros se apresentam como instrumento de Deus. É como se eles fossem um canal entre o céu e a terra. Justamente por isso a “profissão” não tem dia e nem hora para ser convocada, é preciso estar disponível as vinte e quatro horas do dia, pois não se sabe quando alguém irá precisar.

Nas rezas apresentadas pela entrevistada pudemos registrar seis grandes orações, as quais têm maior utilização no cotidiano do assentamento por serem para doenças comuns entre as pessoas que procuram ajuda.

A primeira benzedura é destinada a crianças com quebranto, benzidas para poderem dormir mais tranquilas, não chorarem ou ainda para reações estranhas. Na língua portuguesa, quebranto é definido como um “estado mórbido atribuído pela credence popular ao mau-olhado”, e este mau-olhado pode gerar problemas para crianças como abatimento, enfraquecimento, prostração, fraqueza, morbidez (Dicionário online. Fonte: <http://www.dicio.com.br/quebranto/>, acessado em 1/11/11). Para retirar da criança todos esses sintomas é preciso que todo quebranto colocado nela através do mau-olhado seja retirado através da benzedura. A oração é realizada com um ramo de erva doce que serve como símbolo de retirada do quebranto. A cada oração a recomendação da benzedora era a de rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria em oferecimento às cinco chagas de Cristo, a Sagrada morte e Paixão de Cristo. Para retirar o quebranto de adulto, que passa a ser chamado de “olho-gordo”, justamente porque envolve o sentimento de inveja, a oração realizada deve ser repetida por três vezes:

“Com dois te botaram com três eu te tiro, com os poderes de Deus e da virgem Maria. Rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria e oferecer sempre às cinco Chagas de Cristo”.

O quebranto é tão presente no ideário popular, que já foi citado por várias vezes em livros de medicina portuguesa, em poemas de Gil Vicente e na literatura brasileira, além de sempre constarem em histórias do nosso folclore.

A mesma entrevistada, quando vai ensinar a oração, pede ajuda a Deus exclamando quase uma penalidade por esquecer-se da sequência de palavras: “Oh, meu Deus, será que eu esqueci essa?”. Depois ela reafirma o uso da oração para quebrante de gente grande, como forma de resgatar, através da memória a cadeia operatória necessária para aquela ação (GOURHAN, 1975). Nessa repetição, a benzedeira ganha tempo para se lembrar de algo que já estava esquecido pela falta de uso e, para justificar a falta de lembrança, ela salienta que as rezas são muito longas e complicadas (MENESES, 2009; CANCLINI, 1982, VIANNA, 2004).

Para curar outro problema comum no assentamento, conhecido como espinhela caída, peito aberto ou lumbago, que é a designação popular de uma doença causada por fortes dores nas costas, nas pernas, na boca do estômago, cansaço anormal ao submeter-se a esforço físico, a oração realizada durante a benzedura é feita acompanhada do tratamento com chás de ervas medicinais.

A estrutura óssea das pessoas que estão com a espinhela caída, é como se o doente fosse impelido a andar inclinado para um lado por estar com a estrutura de seu corpo deslocada. A benzedura vai ajudar na reorganização óssea e no cansaço físico causado pela exaustão do trabalho físico. Na verdade, a oração serve como um acalento mental, garantindo ao solicitante da reza uma anestesia mental ao trabalho árduo e pesado do dia a dia de quem trabalha na terra.

A oração “Deus é nosso senhor Jesus Cristo, quanta dor há no seu santo mundo. Tudo isto ele benzeu e curou. A espinhela caída ele levantou e o peito aberto ele fechou! Com os poderes de Deus e da Virgem Maria”, ditada pela entrevistada lembra até um cordel, as rimas faladas são sonoras e nos remetem aos textos literários cantados pelos repentistas. A diferença é que a oração não deve ser escrita, mas sim memorizada na mente daqueles responsáveis pela cura.

Muitos benzimentos podem variar de região para região, mesmo sendo muito parecidos, por vezes têm finalidades diferentes. Um bom exemplo é a oração que a

guardiã desses saberes nos apresentou para cura de erisipela², doença cutânea que pode atingir o tecido gorduroso da pele, muitíssimo comum em pessoas com diabetes, obesas ou com má circulação.

. Poel (s/data) esclarece que algumas dessas fórmulas são tão antigas, que suas origens podem ser encontradas na mitologia germânica céltica do início da história da Europa cristã. Há um exemplo de reza de erisipela em um código austríaco do século IX, mas a adaptação acontece conforme a necessidade de cada benzedeira.

Tanto a primeira oração quanto a segunda demonstram bem o papel dinâmico da cultura, a resignificação de acordo com o contexto, mostra como o patrimônio se mantém. A memória e a fala são fundamentais nesse processo, primeiro porque registra o conhecimento, e segundo porque permite que ele seja repassado aos grupos subsequentes (GOURHAN, 1975).

Esses saberes possuem ainda uma lógica prática, relacionada às doenças. No caso da primeira oração, o óleo tem um papel fundamental na cura da erisipela, já que ao massagear o local atingido estimula-se a circulação do sangue e, portanto, há alívio e ajuda no processo de cura. No segundo caso, o sumo do troco da bananeira tem comprovado o poder cicatrizante³ de feridas na pele, o que representa um uso prático desses saberes populares.

Poel (s/data) apresenta um registro de uso de instrumentos no benzimento de mau- jeito na cidade de Cruz, em Minas Gerais, que são os mesmos apontados pela benzedeira do nosso trabalho de campo. Durante as palavras proferidas nesse processo de cura da carne-quebrada, que conhecemos como luxação; em todas as partes do Brasil usa-se uma agulha e um novelo de linha. Benze-se cosendo o novelo com a agulha.

A oração deve ser repetida por três vezes, no restrito trabalho de campo realizado por esta pesquisa a reza aparece da seguinte forma: “Eu que te coso, carne

² Erisipela é um processo infeccioso cutâneo, podendo atingir a gordura do tecido celular subcutâneo causado por uma bactéria que se propaga pelos vasos linfáticos. Pode ocorrer em pessoas de qualquer idade, mas é mais comuns em diabéticos, obesos e nos portadores de deficiência da circulação venosa dos membros inferiores. Não é contagiosa e os nomes populares usados são esipra, mal-da-praia, mal-do-monte, maldita ou febre-de-santo-antônio (Fonte: <http://www.erisipela.com.br/>. Acessado em 2/11/11).

³ “Úlceras: Aplica-se, com algodão, a seiva da bananeira localmente. Observar cuidados de assepsia”. A este respeito acessar: <http://www.ednatureza.com.br/banana.htm> e http://www.terracha.com.br/medicina_alternativa/cicatrizantes-naturais/. Sites acessados no dia 02/11/11.

triturada, nervo rendido e osso desconjuntado. Pior isso que coso por mando de São Virtuoso”. Na recolhida por Poel (s/data), a reza é bastante parecida, mas pergunta-se ao doente: “O que é que eu benzo?” E a própria benzedeira responde: “Carne quebrada, nervo rendido e osso partido”. Ambas apresentam a dimensão do corpo fragmentado de alguma forma, e a agulha e o novelo representam a junção e a costura das partes que estão luxadas.

Mas, há também, as possibilidades de cura que não estão apenas associada às benzedeiros, aos curandeiros e às ervas. São muito mais acessíveis e não necessita de ter um dom para realizá-la. É preciso apenas ter fé. Esse tipo de ação e gesto utilizado para a cura é tradicionalmente conhecido como simpatias.

Elas são representadas por fórmulas, gestos, símbolos que são remédios, mas a própria palavra sugere algo que não se explica, do grego é “sentir junto o mesmo”. Na medicina popular, elas servem para curar verrugas, hemorroidas, asma epilepsia, soluço, e algumas vezes, podem aparecer em conjunto com rezas e ervas. Elas revelam um aspecto diferenciado da terapia puramente racional e intelectual. Levam em consideração a experiência de quem conhece a doença a partir do sofrimento dos outros ou por si próprio.

Apesar de não se explicar a simpatia, ela pressupõe uma relação íntima entre animais, homens, plantas e planetas. As leis consideradas nesta relação estão muito distantes da causa-fim (POEL, s/data). O que é considerado aqui é a analogia para encontrar remédios para as doenças, prática esta que há muito praticada.

Levando em consideração tais pontos de reflexão e a grande utilização desta prática no Bela Vista, pudemos levantar algumas simpatias, no trabalho de campo, com as crianças da escola. Entre as simpatias estão a para ver melhor, para parar de fumar, para ficar com o cabelo bonito, entre outras. A primeira sugere o uso de uma erva como solução para ver: “Deve-se pegar folhas de arruda, colocar no sereno. No dia seguinte, colocá-las nos olhos. Finalidade é de lavar os olhos e ver melhor” (GOMES, 2010. Trabalho de campo).

A segunda simpatia registrada é para acabar com furúnculo, nesta é preciso pegar as folhas de saião⁴ colocá-las em cima do furúnculo, depois de alguns minutos,

⁴ O saião é popularmente conhecido como folha da fortuna, coirama e folha-da-costa, e é usado popularmente para tratamento de úlceras e como cicatrizante. É encontrado em vários lugares do

com as folhas sobre a ferida, colocá-las para secar. Quando as folhas secarem, o furúnculo secará junto com elas. Se voltarmos à definição de simpatia, perceberemos que o sofrer junto é a chave para o entendimento desse tratamento, ou seja, ao colocar as folhas em contato com o furúnculo, o sentido simbólico desse ato é a transferência. As folhas passaram a representar a ferida, e ao serem postas para secar, secaram o próprio furúnculo. Além disso, se verificarmos as propriedades dessa folha perceberemos que a mesma é usada medicinalmente para curar feridas de pele, o que indica uma certa lógica no uso delas.

Em outro exemplo de simpatia, podemos ficar com o cabelo bonito. Prática muito utilizada, inclusive pelas empresas de cosméticos, a receita pode ser feita de duas formas. Na primeira, deve-se pegar a babosa, retirar a baba e colocar farinha de mandioca junto a ela, fazer pequenas bolas e colocá-las no sereno. No dia seguinte, deve-se engolir três bolinhas, e o cabelo ficará bonito. Na segunda, seria mais um uso, do que propriamente uma simpatia, nesta deve-se retirar ao gel da babosa, passá-lo no cabelo, ficar durante alguns minutos e, depois, lavá-lo.

Registramos ainda uma simpatia apontada, por mais de um entrevistado, que relaciona-se à queda de verrugas. Nesta, procura-se um pasto ou beira de rio, um osso de animal, que deve ser esfregado em cima da verruga. Após, coloca-se o osso com o lado que teve contato com a pele virado para sol. Após três dias a verruga cairá. A idéia inspirada aqui, relaciona-se ao desgaste natural que o sol, a chuva e o vento irão promover no osso e, como a lógica da simpatia é, através de um contato, de um gesto ou palavras transferir o problema para o objeto, planta ou algo, neste caso o osso adquire a materialização da área onde há verruga, e, quando desgastado, o resultado é o fim dela no local do corpo da pessoa que fez a simpatia.

Todas essas simpatias e benzeduras são saberes aprendidos no cotidiano com as doenças e os problemas vividos. Se não curam, pelo menos atingem um aspecto bastante valioso no processo de recuperação dos doentes, a mente. Já que em grande parte do tratamento ela é fundamental. Isso tudo não é apenas parte do patrimônio imaterial de uma determinada comunidade. É parte de uma cultura vivente, que a todos os momentos se recicla, se recria e se renova, por estar sendo usada e praticada pela memória dos grupos participantes.

É preciso lembrar também que toda medicina funciona em um campo simbólico, e portanto, essas práticas e, muitas vezes, seus resultados, funcionam quando os atores sociais envolvidos se integram a esse campo simbólico e nele constroem sua identidade.

Os saberes, os gestos e o lugar do lote

Além dos processos de cura e das receitas tradicionais praticadas, em grande parte, pelas mulheres, temos ainda o lugar de atuação da família, o lote produtivo. Neste lugar é possível acompanhar técnicas de cultivo e saberes tradicionais ligados à terra, que não são descritos em livros dos cursos de formação de profissionais ligados à terra.

Podemos indicar, nos gestos, uma fonte inesgotável de recriação das ações cotidianas, que apenas são conhecidas quando se observa e participa desses atos. Quando pensamos em plantação, na lavoura ou produção do lote, a imagem que temos associa-se, geralmente, a um campo amplo de cultivo organizado apenas com um tipo de cultura. Infelizmente, esse modelo é o da agricultura convencional baseado em insumos químicos agressivos e em técnicas de cultivos extremamente voltados a tecnologia. As técnicas de plantio nesses ambientes, que não de pequenas propriedades, dispensam a mão-de-obra e trato manual da terra. Ao contrário, o lugar de cultivo torna-se espaço de produção e a terra torna-se um investimento lucrativo. Dessa forma, a relação com aquela região, ou área, passa a ser antagônica à da agricultura familiar, já que a manutenção dos recursos hídricos, da fauna ou flora local não é primordial.

Um aspecto totalmente avesso ao que o lugar do lote representa para famílias assentadas. Estas concebem a terra conquistada como lugar de reconstrução de seus conhecimentos e saberes, que passam a serem replanejados e resgatados. A lógica do trabalho no lote é em grande parte a da subsistência e a do autoconsumo. Há a reutilização de produtos orgânicos e naturais da produção. Vale dizer que isso se dá quase intuitivamente, também pela falta de capital e investimento para serem aplicados no lote. Essa criatividade na reprodução social é tão importante que garante um ciclo natural da vida, no qual nada é perdido e tudo é aproveitado.

Mas a falta de investimento na produção para subsistência não são os únicos motivos que fazem do espaço do lote um 'lugar de morada' (MARTINS, 2009) e de preservação ambiental. Há uma consciência ambiental muito grande dos assentados em relação ao meio em que vivem, basta observar as técnicas de cultivo e o respeito à fauna e à flora local.

O assentado tem uma grande preocupação em cuidar dos animais e em garantir para eles o alimento que falta pela ação humana. É resultado de uma concepção altamente apurada de meio ambiente, ele consegue entender o motivo de os pássaros se alimentarem de suas plantações, sem colocá-los como praga ou algo a ser combatido.

A consciência ambiental intuitiva é em grande parte completada com as técnicas de cultivos aprendidas no cotidiano, no trato com a terra e no acompanhamento do nascer da vida. Essas técnicas, muitas vezes, não são aprovadas pelos letrados, por não seguirem a mesma lógica, ou ordem de execução, aprendidas nos livros. Mas, o resultado final é o mesmo.

Em todas as entrevistas realizadas, pudemos perceber que a assistência técnica dada pelos funcionários dos órgãos gestores, às vezes, ou na maioria das vezes, não leva em consideração o saber do assentado, e, quando há um confronto de ações, é o resultado prático que mostra aos técnicos o quanto o saber dos assentados deve ser levado em consideração. É importante salientar que, ao ressaltar o saber tradicional desses grupos, não estamos propondo que eles não carecem de informações ou que não necessitam serem capacitados pelo saber técnico-acadêmico-científico, estamos propondo uma mescla dos saberes, entre os estabelecidos e os a serem considerados. Para exemplificar como as técnicas utilizadas pelos assentados são tão efetivas quanto às dos profissionais.

Vale destacar que essas artes de se fazer são, muitas vezes, mais eficientes pelo fato das possibilidades de experimentação, e isso leva a uma habilidade e precisão muito grande em relação ao plantio, à colheita e até às técnicas apuradas, como o processo de enxertia. Um assentado ao falar das qualidades de suas mangas, existentes no lote, mostra-se orgulhoso em dizer que a maioria dos cruzamentos foi realizado por ele.

Conforme observado em nosso trabalho, a experimentação dos atos diários e a criatividade é que fazem a recriação das espécies e a própria sobrevivência cotidiana, o entrevistado diz que o teste com alho foi realizado com o intuito de experimentação e o resultado final foi a produção do alho usado nas refeições diárias.

Esse conjunto de gestos e técnicas são o que definimos neste trabalho como patrimônio imaterial de uma cultura popular, que deve ser conservada e mantida por meio da valorização. Esta valorização pode ser fomentada nos projetos político-pedagógicos das escolas do campo ou por meio de políticas públicas pró-patrimoniais,

para que haja um reconhecimento e ressignificação dessa memória que se transforma em cultura.

O lugar da rua: As lendas, os mitos e os causos

Ao falar do lugar da rua, não podemos deixar de pensar o quanto os saberes não oficiais são transmitidos e ressignificados nele. A transferência desse conhecimento aqui apenas ocorre pelo processo de identificação e ludicidade dado nas relações de sociabilidade. Ninguém ganha nada nesse processo de contagem de causos, mitos ou lendas. O que está em jogo, de fato, é a vontade de compartilhar e o sentimento de bem-estar, não individual, mas coletivo (SIMMEL, 1997). E este sentimento é algo indispensável para que o processo de transferência da patrimonialidade continue tendo sentido e fazendo parte dos significados do cotidiano. Em grande parte dessas narrativas, encontramos o fantástico, mas outras nos remetem a registros de tempos históricos que a memória presenciou. Muitas vezes acontecimentos dolorosos, em outras, sentimentos de alegria que contam muito da trajetória e dos modos de vida desses indivíduos.

Além disso, o processo de transferência desses saberes ou narrativas orais, que fazem parte do imaginário social, tem uma força tamanha, capaz de criar símbolos coletivos que podem parecer irracionais, mas para quem vive naquela realidade faz todo o sentido. Para Laplantine e Trindade (1996), o imaginário não significa ausência da razão, mas apenas exclusão de raciocínios comprováveis e plausíveis, os quais estão estabelecidos no pensamento científico. Ele é um processo cognitivo, nos quais os sentimentos de afetividade e ludicidade estão inseridos, traduzindo uma maneira específica de entender o mundo e conceber o real.

Esse imaginário associa-se ao real e não à realidade, já que esta última consiste apenas em coisas, na natureza, enquanto o real é a interpretação e representação que o homem atribui justamente a isto tudo. “Seria, portanto, a participação ou a intenção com as quais os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade, atribuindo-lhe significados” (LAPLANTINE e TRINDADE, 1996, p.28). Isto promove, na memória, um processo de identificação com a realidade, e, muitas vezes, ameniza o processo árduo do cotidiano, dando certa leveza às relações coletivas.

São, muitas vezes, descrições do real, daquilo que outro viu ou presenciou, mas que se tornam narrativas coletivas para se explicar o que não é possível esclarecer. A fantasia não apenas supera as representações sistematizadas pela sociedade, mas

também traz uma outra realidade para adequação das normas e regras dessas coisas e acontecimentos que são interpretados. Esta interpretação fantástica não deixa de ser real, justamente porque não se trata de uma ilusão ou loucura, mas, de uma outra forma de conceber, entender, distinguir e representar a realidade. “Possui uma lógica própria compartilhada pela coletividade, que desafia a descrença na existência de seres extraordinários e nas experiências insólitas” (LAPLANTINE e TRINDADE, 1996, p.28). Por isso que as lendas, os mitos e os causos contam tanto na memória e nos saberes dos indivíduos. Trata-se de parte de um patrimônio imaterial cultural que permeia o imaginário das pessoas, já que é através dele que o homem procura explicar aquilo que vê, mas não sabe. Por trazer aspectos tão lúdicos e parte do fantástico presente na memória, são facilmente lembrados pelas pessoas mais idosas.

Nas narrativas podemos perceber o quanto a lógica do lúdico e maravilhoso está presente. Parece desdobrar-se na lógica de um jogo, que também se depara nos mitos e nas lendas. Mas, é um jogo que está longe das competições cotidianas. As regras ligam-se ao maravilhoso do passado das origens, podendo os indivíduos expor-se ou despir-se de heróis ou deuses, narrando-se golpes e lances (CERTAU, 1994). Nessas histórias, frequentemente invertem-se as relações de força, os feitos, as astúcias, os trocadilhos e aliterações tornam-se museus vivos e marcos da aprendizagem do coletivo.

Em entrevista com um casal de idosos, foi possível entender como as lendas são contadas. O senhor que dá o depoimento, quando moço, trabalhou na sede da fazenda Bela Vista. Ele conta que, desde aquela época, muitas coisas estranhas aconteciam. A esposa dele incentivou a contagem das histórias:

Entrevistadora: O pessoal conta lenda, história aqui do casarão?
 Senhora: Ele sabe do casarão... O casarão, quando você ficava com os meninos...
 Entrevistadora: Seu Antonio, o pessoal conta história...
 Senhor: Aquele lá, quando tiraram e depois levaram embora...
 Senhora: Tô falando que tinha assombração, que escutava o barulho da corrente... ele ficava com as crianças, porque o patrão, a patroa ia assistir cinema na cidade, então ele ficava até na madrugada com as crianças lá. Ele falava que escutava que tinha muito...
 Senhor: Esse casarão tem muita tora ali pra segurar o prédio, no meio tem duas vigas assim... do casarão...quando começava a dar meia-noite, uma hora, começava a corrida dos porcos e corria pra cá e corria pra lá... eles escutavam que tinha fantasma que corria atrás dos porcos. Aquele tropé, aquela corrida de porco que corria e se enfiava debaixo das palhadas que tinham no mangueirão, mas ele dizia que parecia que mexia. Então eles ficavam... ia lá fora, olhava... uma vez eu olhei e

não tinha ninguém. Quando entrava pra dentro e fechava as portas, começava de novo. Porque era ali, que eles matavam os escravos... eu não sei se não tem ainda (...) depois que começou a acabar a fazenda, o patrão foi embora, e eu vinha aqui fazer compras e eu fui lá no casarão ver. Tinha aquelas argolonas onde amarrava escravo e aquelas pulseira que eles “punhava” nos escravos, aquela cela, que nem animal e amarrava naquelas argolas, grossa assim. Mas aí nunca mais eu entrei, porque ficou escuro né. Amarrava os escravos tudinho assim, porque o salão lá embaixo é grande. Matavam eles, enterrava. E lá no alto começaram a plantar cana e não dava e não dava cana... aí começaram a cavoucar e acharam osso, fizeram um cemitério lá. Achava até cabeça... (GOMES, 2010. Entrevista com A. e M.).

Podemos perceber que o fantasioso e a memória coletiva estão presentes nas falas dos assentados, a tentativa de explicar aqueles acontecimentos na escuridão, quando não havia luz, apenas a lamparina, em forma de lendas de fantasmas. Associa a história da escravidão, de uma realidade difícil, aos aspectos leves da narrativa fantástica, como um mecanismo de permanência da memória coletiva. Como apontado por Meneses (2009), a memória é um processo que, mesmo subjetivo, depende de suportes objetivos para ser resgatada e recuperada. E os aspectos históricos são elementos fundantes dessa permanência. Após introduzir a situação do casarão, ao serem indagados sobre as lendas de fantasmas, o casal responde:

Entrevistadora: Mas e as lendas? Tem alguma lenda que o pessoal conta aqui do Bela Vista?

Senhora: Daqui eles falavam esse negócio da corrente que aparecia, uma assombração que eles falavam que era fantasma né... aqui era uma carreira de eucalipto pra lá e prá cá...

Senhor: Naquele tempo corria os bois, tarde da noite.

Senhora: Eles falavam, porque ele não acreditam né... mas o outro falava que não via nada... depois que via...

Senhor: Era tudo assombração...

Senhora: ali em frente do casarão, onde tinha uns “calipitão”, os boi não corria porque dizia que tinha fantasma...

Senhor: Aqui chama estradão...

Senhora: Ele dizia que no estradão tinha fantasma... que era um cachorrinho assim, aí esse cachorrinho ia crescendo, crescendo, virava aquele monstro e quando via, corria e dizia: vimos fantasma... e era de sexta-feira...

Entrevistadora: De sexta-feira ainda?

Senhora: Depois saiu o negócio de lobisomem... tinha um lá embaixo, que eles falavam que era lobisomem, porque eles conheciam por aqui (mostra o cotovelo), tinha aquela casca, porque o lobisomem, quando vira lobisomem, é por aqui né (mostra que pelo cotovelo que ele anda)... e a orelhona dele bate, de longe escuta plá, plá, plá, ainda a noite no escuro, não tinha luz, não tinha nada, só lamparina... ele

subia, descia, aí desconfiaram que era esse Tiquinho foi um dos escravos, era um velhinho, pretinho, que falava que era o lobisomem.

Entrevistadora: E ele morava aqui?

Senhora: Morava... morava lá na beira da represa... tinha a colônia e todo mundo ficava sondando se ele virava, e diz que virava mesmo! (GOMES, 2010. Entrevista com A. e M.).

Em outra entrevista, uma assentada, moradora antiga do assentamento, conta também a história da presença do lobisomem no início, quando ainda não havia luz elétrica:

Entrevistadora: Tem alguma história que o pessoal conta aqui do assentamento, de lenda, de “causo”, que o pessoal contava de como era aqui no começo do assentamento? A senhora lembra-se de alguma que o pessoal contava?

R: De assombração? Tinha!

Entrevistadora: Qual era a história que o pessoal contava?

R: Que era assombrado...

Entrevistadora: É mesmo? A senhora já presenciou alguma assombração?

R: Já...

Entrevistadora: Ah, não acredito, conta pra mim como é que foi...

R: Tinha um bicho aqui que andava que chamava cavaleiro, né! Só escutava (faz um barulho com a boca) andando por aí tudo... e o pessoal gritava: auauauau! E o bicho ficava doido todo mundo tinha medo desse cavaleiro, vixe! Tinha um irmão de igreja, ele vinha da roça, a roça dele era lá em cima ele ficou lá até mais tarde e um dia ele disse eu vou atrás desse homem...

Entrevistadora: o amigo da senhora falou que ia atrás dele?

R: Ele foi.... mas, não voltou cedo, foi carpir e gostou, ficou lá até 11 horas da noite! E quando ele estava volta viu o negócio e saiu gritando (imita o grito)!

Entrevistadora: Mas ele viu então?

R: Viu, berrando urrando, largou chinelo lá, chegou em casa todo mijado de tanto medo.

Entrevistadora: Quem é esse moço aí?

R: Ah, ele morreu.

(..).

Entrevistadora: Ele escutou então?

R: Escutou, ele desmaiou, coitado... a casa dele é ali embaixo, saiu correndo, corre, corre, cadê, cadê, é ladrão, mas não era ladrão, era assombração. Chegou a mijar na calça de tanto medo, perdeu chinelo, ali no escuro, o povo tinha medo mesmo. Tinha assombração aqui... (GOMES, 2010. Entrevista com R.).

Nas falas desses assentados, é possível verificar como a presença da memória de fatos históricos ou fantásticos do real é significativa. A lenda do lobisomem é universal,

que em cada parte do mundo se regionaliza. No folclore brasileiro tem um significado especial para as pessoas mais velhas, moradoras das áreas rurais, pois acreditam que a figura do lobisomem é a de um monstro que mistura formas humanas e de cão ou lobo. Geralmente, ele aparece durante a noite de terça ou sexta-feira, após a primeira transformação passa a visitar encruzilhadas, pátios de igrejas e vilas rurais. Nos lugares por onde passa, chicoteia os cachorros, desliga as luzes e uiva de forma assombradora. E quando o dia está amanhecendo, ele volta à forma humana. Segundo as crenças, para acabar com a forma de lobisomem é preciso que se bata bem forte em sua cabeça ou com um reio.

Ao continuar sua argumentação sobre os perigos de se encontrar um lobisomem, a entrevistada diz que é muito importante se fazer o procedimento correto para que ele vá embora. Porque o perigo está em se tornar gente, marcar a pessoa. Se isso ocorrer, ele pode voltar e matar quem o açoitou, ou até mesmo ir a uma delegacia e fazer queixa contra o agressor.

As lendas denotam uma explicação para o inexplicável, a partir do significado dado por estas pessoas ao real. Muitas vezes, a compreensão racional não é possível justamente porque a elucidação desses fenômenos é dada de forma muito pragmática e objetiva, pela ciência ou pela lógica moderna. Para a assentada, o ataque cardíaco e a bobeira na fala do indivíduo, foram resultados dos efeitos do contato com a saliva do lobisomem. No entanto, sabemos que alguns problemas de circulação podem acarretar lesões sérias no cérebro, o que resultam dificuldades no falar ou andar. Mas a justificativa fantástica para a bobeira deste sujeito, atacado pelo “monstro”, foi a relação direta.

Uma história lendária muito recorrente é a do “homem do saco”. Em muitos lugares ela está relacionada ao urbano, justamente por se tratar de um mendigo que sequestra crianças. Mas também foi registrada em caderno de campo, em uma visita no Bela Vista. Nesta lenda, o velho mau vestido carrega crianças desacompanhadas de seus pais. Em algumas versões, o homem do saco é substituído por um cigano já que a migração deste povo pelo mundo levou, durante a chegada deles à América no século XIX, a uma falsa ideia de que os mesmos eram ladrões, sequestradores ou perigosos. Nesta versão, no entanto, o homem do saco levaria as crianças indesejadas, por sua falta de educação, para serem transformadas em botões, sabonetes ou sabão.

Os assentados, em dias de reuniões, para “jogar a conversa fora”, ainda passam a relembra momentos e situações do cotidiano, histórias do acampamento, da luta, da dificuldade do novo. Como forma de celebração, eles contam essas lendas e causos, como forma de reavivar a memória e promover o fortalecimento de laços afetivos. Nessas rodas de conversa, o sentimento coletivo aflora e a sociabilidade vem à tona. A ludicidade nesses jogos de fala oral ocasiona como uma anestesia aos problemas diários. Em uma dessas reuniões, foi possível registrar duas lendas de assombro. A primeira da carroça pesada, carona na encruzilhada e a segunda da noiva de branco do casarão.

Nessas histórias, percebemos o quanto a morte está presente no ideário popular. A vida e a morte são aspectos do imaginário universal, que estabelecem conexões diretas com o cotidiano, fazendo com que as pessoas tratem a dor e a felicidade da vida como algo natural.

Nas visitas de campo, foi registrada ainda uma lenda chamada Luz do bem. É uma história de amor entre um vigia e uma bela moradora local, que eram antigos moradores da Fazenda Tamoio. Contam os assentados que os dois se apaixonaram, mas as famílias não permitiram o namoro dos dois. Então, para encontrar com ela, ele fazia sinal com um farolete de cima de uma torre, ela, por sua vez, abria a janela e ficava a esperá-lo. Na voz dos entrevistados existem duas versões para a história. Alguns dizem que ela morreu e até hoje ele continua, em madrugadas escuras, a farolar para o assentamento em busca de sua amada. Já para outros, a versão é que o casal se casa e para perdurar este amor ele faz sinais de luz com o farol. Esta história representa, como plano de fundo, os romances clássicos, no qual o arquétipo do amor impossível é representado, assim como nas histórias de amor de Romeu e Julieta e de Tristão e Isolda.

Todas essas histórias lendárias, transmitidas oralmente, explicam acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais que, para essas sociedades, se encontram mais na interpretação do real, e não da realidade. Há uma lógica nas relações dessas com os fatos e acontecimentos da realidade, como visto, a associação com os acontecimentos são facilmente percebidos em cada uma delas, o que é possível inclusive denotar a fatores históricos locais.

As relações entre fatos e lendas são feitas por meio de associação dos acontecimentos a símbolos. Por exemplo, se considerarmos que o símbolo da raposa liga-se a ideia de astúcia, o caso dela ser culturalmente determinada como um animal

astuto constitui um símbolo. Esta convenção ou um atributo que esse animal adquire, é fornecido justamente pelos grupos culturais, que através de suas experiências vividas com este animal, especialmente os caçadores ao terem dificuldade em aprisioná-lo por sua presteza, artimanhas de suas fugas e esconderijos, logo passam a atribuir o significado de astúcia à raposa, em oposição a outros animais que não possuam essas propriedades. (LAPLANTINE e TRINDADE, 1996). São atribuições simbólicas, que para serem percebidas e para entender sua lógica, é necessário conhecer as narrativas e a história local, que constituem o patrimônio imaterial do assentamento.

Estudar este patrimônio nos revela situações e aspectos da memória muito particulares da cultura popular. A história se entrelaça aos significados dados ao real, que, muitas vezes, são fantásticos. Estudá-los nos permite emergir em uma realidade dura e áspera. Mas para ser lembrada de forma mais leve, transforma-se, em lúdico, em maravilhoso tudo aquilo que é dolorido (MENESES, 2009 e SIMMEL, 1997).

Concluindo: a função da linguagem na transferência do patrimônio imaterial

Ao estudarmos todos esses saberes patrimoniais, acreditamos estar indicando o quanto eles devem ser preservados e incentivados ao resgate. No entanto, há que se pontuar que o conjunto desses conhecimentos permanecerão apenas pelo incentivo e uso dos mesmos, já que a principal forma de transmiti-los é através da memória que os guarda, os resgata e os ressignifica por meio da palavra falada.

As formas de inventário, através da etnografia, servem para registrar e catalogar o patrimônio imaterial. Consta como um avanço no processo de valorização e sensibilização de políticas públicas voltadas à conservação desses bens imateriais. Mas vale lembrar que, se este processo não fomentar o esforço de uso e o processo de ressignificação dentro das comunidades, o resultado será a construção de um aspecto idealizado do patrimônio imaterial, passando, dessa forma, a restringir e limitar todos os saberes a livros, o que decorrerá em um processo de construção de uma ideologia e não de cultura.

A própria UNESCO reconhece que estes bens resistem pelo fato de existir um sistema integrado de educação informal, que permite, através da tradição oral, a transferência entre gerações. Mas, para que isso aconteça, é necessário que se potencialize a rede de transmissão oral e seus atores, para que o ensino-aprendizagem aconteça.

Ao salientarmos os aspectos biológicos do cérebro e sua evolução na espécie humana, desenvolvidos por Gourhan (1975), nos fundamentos teóricos deste trabalho, pretendíamos salientar como os conhecimentos eram transmitidos e conservados pelas comunidades étnicas através da linguagem oral, esta, por sua vez, junto com os processos educativos são elementos fundamentais da memória.

Além disso, sabemos que é a linguagem que permite que a memória seja um veículo de socialização das experiências individuais, ou ainda, para fomentar nos indivíduos a criatividade para mudar, adaptar, ressignificar e criar o conhecimento de forma a permitir que eles permaneçam entre as gerações.

O reconhecimento, com essas linguagens, insere o indivíduo nos processos de socialização e o faz sentir-se parte integrante daquele grupo e sociedade. Os conhecimentos em jogo nesse processo apenas tem sentido para aqueles que vivem nele. As receitas, ervas e os seus usos, tem significado para as crianças da escola, que representaram através de desenhos ou de receitas. Justamente por verem suas mães, avós ou parentes, promoverem o processo de cura por meio das práticas cotidianas.

O ensino das rezas e benzeduras é feito por meio de observações e aprendizagem das palavras ditas. Em muitos casos, a reza, ao ser escrita, perde o sentido, a leveza e naturalidade do processo. A própria benzedeira entrevistada nesta pesquisa, sentiu dificuldades em ditar as orações para serem registradas, pelo fato da oração seguir um ritmo embalado, e quando interrompido, a memória precisa ser estimulada. Nas palavras da benzedeira, ela apontava a dificuldade do processo de interrupção do ritmo da linguagem: “é muito comprido essas coisas, é complicado viu” (GOMES, 2010. Entrevista com M.).

Todos esses usos, costumes e técnicas, são adaptações de um cotidiano que se constitui por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais que adquirem uma compreensão, transformação e reprodução do simbólico ou real, das condições específicas do trabalho e da própria vida que possuem uma lógica e uma razão indiscutíveis para os participantes dessas comunidades.

A falta de recursos, ou bens, obriga as famílias assentadas, ou acampadas, a desenvolverem senso criativo e habilidade para burlar essas dificuldades, seja através da aprendizagem de cultivos em tempos de seca, na adaptação de determinadas plantas, no aproveitamento dos recursos e alimentos, ou nas formas alternativas de tratamento e

cura das pessoas. E todos estes saberes vão sendo cultivados na medida em que se externaliza a memória individual para o grupo, através da linguagem.

E é justamente nesse sentido que as políticas públicas e alternativas para salvaguarda desses saberes devem valorizar os guardiões da sabedoria, para que a repassem para as novas gerações, no sentido de promover a identificação dos grupos mais jovens, a não apenas fazerem-se parte desse processo, mas poderem novamente recriá-los e usá-los cotidianamente.

REFERÊNCIAS

- BARBERO, Jesús Martín, *Dos Meios às Mediações comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 4ª ed., 2006.
- BRAGA, G. G; A fotografia no imaginário das benzedoras de Campo Largo discursos fotográficos, Londrina, v.1, p.253-280, 2005
- BRUMER, A.. Gênero e geração em assentamentos de reforma agrária. In: Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante; Osvaldo Aly Junior. (Org.). Assentamentos rurais: impasses e dilemas (uma trajetória de 20 anos). São Paulo: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-Superintendência Regional de São Paulo, 2005, pp. 351-371.
- CANCLINI, Néstor García, *As culturas populares no capitalismo*. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- _____, *Culturas Populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____, *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- CERTAU, M. *A invenção do Cotidiano: 1. A arte de fazer*. Tradução de Epharim Ferreira Alves, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1994.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERRANTE, Vera Lúcia S. B. e WHITAKER, D. C. A. (org.). *Retrato de Assentamentos*. Cadernos de Pesquisa, números: 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11. NUPEDOR. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. FCL-Unesp/Araraquara.
- FREITAS, M. C. Fazer história da educação com Gilberto Freyre: chegadas para pensar o aluno com os repertórios da antropologia. In: Luciano Mendes Faria Filho. (Org.). *Pensadores sociais e história da educação*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005, pp. 167-185.
- GASPAR, Lúcia. *Medicina popular*. Pesquisa Escolar On-Line, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 6 ago. 2009.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GOMES, T. P. de S. *Um estudo das relações sociais e políticas do assentamento Bela Vista de Araraquara através da festa junina*. In: Anais do Simpósio Impasses e Dilemas da Política de Assentamentos, Araraquara. CD-ROM, de 28 a 30 de setembro, 2005.
- _____. *Sociabilidade x Conflito: projetos de assentamentos na região de Araraquara*. In: Anais da 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia-GO, CD-ROM, junho, 2006.

_____. *De saberes a gestos: Uma etnografia de transmissão dos conhecimentos não oficiais no assentamento Bela Vista de Araraquara - SP*. In: IV Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais 2009, 2009, Campinas. De saberes a gestos: Uma etnografia de transmissão dos conhecimentos não oficiais no assentamento Bela Vista de Araraquara - SP, 2009.

_____. *Do cotidiano ao futuro dos assentamentos: alternativas, reivindicação e permanência*. In: Anais do Simpósio Nacional Reforma Agrária: Balanço Crítico e Perspectivas, Uberlândia – MG, maio, 2006. www.simposioreformaagraria.propp.ufu.br.

Redes de Associação e Sociabilidade nos assentamentos rurais de Araraquara- SP a partir da atualização de perfil. In: Anais do Simpósio Reforma Agrária e Assentamentos Rurais — CD-ROM, Araraquara, junho, 2010.

_____. *Saberes, Memórias e Tradição: Estudo em Assentamentos de Reforma Agrária de Araraquara-SP*. In: XXVII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia, 2011, Recife. Anais do XXVII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia, 2011.

GOURHAN, A. L. *O gesto e a palavra*: 2- memória e ritmos. Lisboa: Edições 70, 1965.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LAPLANTINE, F. e TRINDADE, L. *O que é imaginário*. Coleção Primeiros passos. Ed. Brasiliense, 1996.

MACHADO, M. H. P. T. *A construção narrativa da memória e a construção das narrativas históricas: panoramas e perspectivas*. In: MIRANDA, D.S de (org.). *Memória e Cultura: a Importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.

MARTINS, V.S. *Lugar de Morada: a constituição do viver de famílias rurais no contexto de assentamento da Reforma Agrária*. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MENESES, U. B. de. *Os paradoxos da Memória*. In: MIRANDA, D.S de (org.). *Memória e Cultura: a Importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.

PELEGRINI, S.C.A. e FUNARI, P.P. *O que é Patrimônio Cultural Imaterial?* São Paulo, Editora Brasiliense, 2008.

POEL, s/data. Fonte: <http://www.religiosidadepopular.uaivip.com.br/medicina.htm>. Acessado:15/10/2011.

SANTOS, C. R. A. dos. *Por uma história da alimentação*. In: *História: questões e debates*, Curitiba, v.14, nº 26/27, p.154-171, jan/dez.1997.

STRAUSS, L. C. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Tempo brasileiro, 1976.

TUAN, Y. F. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente*. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

VIANNA, Letícia, C. R. *Legislação e preservação do patrimônio imaterial: perspectivas, experiências e desafios para a salvaguarda das culturas populares*. In: *Textos escolhidos de cultura e arte popular*, vol.1, nº1, 2004.

WHITAKER, D.C.A. *Sociologia Rural questões Metodológicas emergentes*. Presidente Venceslau. São Paulo, Letras à Margem, 2002.

_____ Ideologia x cultura: como harmonizar dois conceitos tão antagônicos? In: SOUZA, E.M.de M. (org.). Teoria e prática nas Ciências Sociais. Araraquara: UNESP-FCL, Laboratório Editorial. São Paulo: Cultura Acadêmica editora, 2003.

_____ Vencendo preconceitos contra o rural. Retratos de Assentamentos, v. 12, pp. 80-97, 2009.

Consulta eletrônica:

WIKIPÉDIA: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Espinhela>. Acessado: 1/11/11.

SCIELO: www.scielo.br. Acessado:13/07/09.

ABAIXO ODESPERDÍCIO-FAVACÃO:

http://www.abaixoodesperdicio.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=191&Itemid=38. Acessado em 21/10/2011

CIAGRI: www.ciagri.usp.br. Acessado em 21/10/2011

UNESCO: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/>. Acessado: 25/09/2010.

IPHAN: <http://portal.iphan.gov.br>. Acessado: 10/09/11